

Experiências Religiosas de Comunidade no Ciberespaço: reconfigurações do compartilhamento da fé

Hudson Ramos, Karla Patriota

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

As redes sociais digitais, a exemplo do Facebook – plataforma central deste estudo, têm favorecido o surgimento e expansão de outras formas de relações sociais. Este artigo visa colaborar com os estudos que abordam as relações estabelecidas entre mídia e religião, a partir da observação da interação do padre Reginaldo Manzotti, líder religioso católico, e seus fiéis-fãs na página do sacerdote no Facebook. A metodologia de análise se ancora nos postulados da netnografia (Kozinets), com ela buscamos, além da operação do corpus, uma aproximação com os conceitos de Ciber-religião (Miklos), Ciber-fiel (Freire e Bronshtein), bem como das reflexões de Fechine sobre as transmissões diretas, construindo a partir deste locus os elementos que veem a caracterizar a experiência religiosa de comunidade no ciberespaço.

Palavras-chave:

Religião. Internet. Netnografia. Redes Sociais Digitais. Experiência de Comunidade.

Introdução

Nada mais como antes. Após adentrarmos a terceira década do surgimento da internet, vislumbramos seu forte desenvolvimento e expansão por todo o globo. Ancorados em sua extensão estão o crescimento do acesso por parte dos indivíduos, a criação e a evolução de novas Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs).

Mais do que isso, iniciamos esta introdução cientes do consenso, entre aqueles que observam o fenômeno da web, que tal inovação representou uma mudança estrutural nas formas de se construir novas tecnologias e difusão do conhecimento, assim como no impacto direto nas relações sociais contemporâneas.

Inseridas neste cenário, encontram-se também as instituições religiosas. Estas têm buscado aproximar-se dos meios de comunicação disponíveis para potencializar a propagação do seu discurso religioso. Tal aproximação não é gratuita nem neutra. Ao inserir-se no ambiente midiático, a religião passa a operar dentro das estruturas deste e, assim, transforma sua própria forma de ser.



Diante de tal cenário, este estudo, inserido numa observação mais ampla da interação entre uma das lideranças católicas brasileiras em maior evidência – o padre Reginaldo Manzotti – e seus fiéis-fãs através da página do sacerdote na rede social digital Facebook, traz algumas reflexões sobre as características que, aqui, são compreendidas como elementos fundamentais para a promoção da experiência religiosa de comunidade no ciberespaço.

Para o desenvolvimento desta empreitada, utilizamos como principal ancoragem metodológica a Netnografia, técnica de observação etnográfica de comunidades online. Já o nosso *corpus* foi constituído através da seleção de postagens, reações e comentários entre produtores (padre Reginaldo e sua equipe) e usuários na página do sacerdote na rede social digital Facebook, local privilegiado de observação a partir do registro e acesso às interações através de sua materialidade discursiva.

O conjunto de material coletado, no intervalo de observação de 56 semanas, totaliza um *corpus* ampliado com mais de 150 mil comentários que foram recortados a partir do método da métrica visual postulado por Freire (2017), o qual destaca as informações a serem apreciadas a partir do *print* da tela inicial de cada uma das 88 postagens selecionadas.

Durante a pesquisa mais ampla, entre as nossas preocupações estiveram a busca pela compreensão dos distanciamentos e aproximações institucionais do catolicismo romano com os meios de comunicação; as configurações das comunidades de redes sociais online e offline; a formação do *ethos* do sacerdote católico Reginaldo Manzotti e sua influência perante a comunidade de fiéis-fãs; além da categorização dos conteúdos produzidos e das interações *com* e *entre* os usuários presentes na página em análise.

Por ora, interessa-nos nos deter nas inferências quanto aos elementos considerados essenciais para compreensão e constituição dessa experiência, que é primordialmente religiosa, vivida em comunidade e “localizada” no ciberespaço.

Estamos Todos Juntos “Aqui” e “Agora” em Comunidade

Quando propusemos esta pesquisa, numa perspectiva mais ampla de um trabalho de mestrado, investimos na observação a partir da rede social digital Facebook, entre outros motivos, por acreditarmos que neste espaço teríamos condições de visualizar, de forma mais clara, as práticas associativas e religiosas que dali emergissem. *Lócus*, portanto, da materialização do que poderíamos ilustrar como uma comunidade.

Com efeito, quando delimitamos uma comunidade, não é difícil pressupor que falamos de um dos “conceitos mais vagos e evasivos (...) que continua a desafiar uma definição precisa” (SHORE, 1996, p.115), por conta disso, a própria delimitação que realizamos se fragiliza nela mesma, por conta da diversidade de sentidos que a ideia de comunidade possa carregar consigo, principalmente quando evoca conotações emotivas:

Tornou-se uma palavra passe-partout, usada para descrever unidades sociais que variam de aldeias, conjuntos habitacio-

nais e vizinhanças locais até grupos étnicos, nações e organizações internacionais. No mínimo, comunidade geralmente indica um grupo de pessoas dentro de uma área geográfica limitada que interagem dentro de instituições comuns e que possuem um senso comum de interdependência e integração. Não obstante, conjuntos de indivíduos vivendo ou interagindo dentro de um mesmo território não constituem em si mesmos comunidades – particularmente se estes indivíduos não se consideram como tal (SHORE, 1996, p.115-116).

O autor ainda postula que o que possibilita a emergência e união de uma comunidade não é a sua estrutura em si, mas um estado de espírito, um sentimento de comunidade. Nessa chave, o que podemos dizer, então, da formação de uma comunidade dita religiosa? O próprio fenômeno religioso contemporâneo e os processos comunicacionais são atingidos por novas ritualidades, discursividades, materialidades, espacialidades e temporalidades, a partir das lógicas midiáticas perante o deslocamento das práticas de fé para o ambiente *online* (SBARDELOTTO, 2012). O que, de maneira inequívoca, já nos confere diversos pontos de partida para pensarmos as comunidades classificadas como religiosas.

Os estudos de Sbardelotto (2012) têm sido grandes aliados para compreendermos o complexo contexto no qual a religião se insere e como ela se metamorfoseia ao adentrar num universo com regras próprias e práticas outras, distintas de sua realização presencial. Entendamos a religiosidade online, portanto,

tanto [como] um produto quanto um sinal da mudança produzida pelo fenômeno da midiatização, no qual as religiões em geral, encontram-se em um ambiente muito mais complexo, em que coexistem inúmeros pontos de vista religiosos diferentes e heterodoxos. Na articulação entre a autonomização, a conectivização e a ubiquização das pessoas em rede, emerge ainda mais claramente a possibilidade de *sinetização religiosa*, em que os interagentes, por interagirem em um ambiente muito mais fluido do ponto de vista doutrinal religioso, veem-se encorajados à experimentação religiosa e espiritual (SBARDELOTTO, 2017, p. 103, grifos do autor).

Para o que aqui nós desejamos, iremos propor o entendimento de uma experiência religiosa de comunidade no ciberespaço, considerando que a sua dimensão subjetiva põe em evidência os limites de qualquer conceituação mais precisa e circunscrita a um dado universo grupal, principalmente quando a auto identificação dos seus membros pode ser problemática pela fluidez e intangibilidade das experiências nelas vividas e narrativizadas. Por conta disso partimos, nesta análise, de três elementos, para nós condicionantes, dessa experiência com o sagrado e com os demais fiéis: a identificação, a interação e a presença.

A Identificação

Ao ingressar em uma comunidade *online*, o usuário se coloca em um espaço, quase sempre, com termos de uso e privacidade, protocolos próprios de interação, fluxos de conexão e interface gráfica.

No que se refere às comunidades públicas e de caráter associativo, como instituições religiosas, partidos políticos e movimentos sociais, os usuários que passam a integrá-las o fazem, em sua maioria, de forma voluntária e por adesão.

A não ser que tenha objetivos específicos outros, um usuário que escolhe integrar alguma comunidade religiosa no ciberespaço o faz porque se *identifica* com as práticas daquele grupo, dentro de seus hábitos próprios e diferenciações dos demais.

Em nosso caso, a página do padre Reginaldo Manzotti no Facebook, um “ciber-templo” a partir da perspectiva levantada por Freire (2017), por ser um “lugar” de vivência da dimensão da fé a partir da performance de uma celebridade religiosa, é uma das opções, entre tantas outras do universo católico nas redes sociais a serem habitadas.

Concordamos com Schoroeder quando o mesmo afirma que

Muitos têm problemas em compreender como um indivíduo pode experienciar a presença em um mundo que é virtual [...] Quanto mais imersivo – portanto, mais atraente – o ambiente digital, mais os indivíduos poderão experienciar tal presença [...] Nós definimos presença como um estado psicológico em que o indivíduo percebe, ele mesmo, ou ela mesma, como existindo dentro de um ambiente². (SCHROEDER, 2002, p. 130 citado por FREIRE, 2017, p. 51-52, trad. da autora).

Todavia, para o que propomos neste texto, chamamos esse sentimento primeiro de participação como identificação. Somente quando o fiel-fã³ se identifica com a religião, e/ou com o conteúdo, e/ou com a celebridade religiosa, ele ou ela toma a decisão autêntica de *pertencer* à comunidade.

Sendo assim, o sentimento de pertencimento a ser construído precisa estar essencialmente vinculado a um sentimento de identificação com a comunidade. De fato, se tomarmos a definição de Cohen (1985), uma comunidade é “uma entidade simbólica, sem parâmetros fixos”, existente em relação e oposição a outras comunidades (neste caso dos não católicos e dos católicos), “um sistema de valores e um código moral que proporcionam aos seus membros um senso de identidade”. E se o usuário ingressa na mesma sem essa condição (identificação), com o intuito apenas de lançar provocações e xingamentos, por exemplo, ele pode estar inserido nela, mas não estará realizando, de fato, a experiência de comunidade.

1 Cf. FREIRE, 2017, p. 146-153.

2 *many have trouble understanding how an individual can experience presence within a virtual world. [...] The more immersive – and hence more compelling – the digital environment, the more presence individuals will experience. [...] We define presence as a psychological state in which the individual perceives himself or herself as existing within an environment.*

3 Cf. FREIRE, 2017, p. 31.

A Interação

Recuero (2009) defende que o conceito de laço social passa pela interação. Interagir é condição prévia para que os laços, sejam eles fortes ou fracos, possam existir. Quando se trata do vínculo de interação de um usuário com a comunidade, representada em nosso caso por um grupo de fiéis católicos que se identificam com os conteúdos produzidos e publicados pelo padre Reginaldo no Facebook, esse laço passa a ter a dimensão de laço associativo.

Ainda segundo a autora (2009, p. 39-40), os laços associativos configuram-se como laços construídos através da comunicação mediada por computador, mas, fundamentalmente, através da interação social reativa, aquela vinculada às ações de caráter apenas vinculativos, como ingressar na comunidade sem necessariamente precisar de uma produção de conteúdo ou interação mais direta com os seus membros.

Já os laços dialógicos partem do pressuposto da interação social mútua, como aquelas em que os participantes de comunidade interagem entre si e trocam experiências.

Quando um fiel-fã decide integrar a página do padre Manzotti, é preciso inicialmente que ele ou ela cumpra a primeira ação de curtir a página, uma ação de caráter reativo. Entendemos, assim, que o indivíduo quando adentra à comunidade, precisaria interagir, minimamente, nas experiências e com os demais membros que ali participam.

Por outro lado, o simples fato desse membro apenas curtir a página sem reagir a nenhum conteúdo ou interagir com outro membro, por si só já é uma interação mínima que, sem a qual, ele não poderia integrar a comunidade em questão.

Tomemos como outro exemplo um fiel que busque a igreja semanalmente para participar da missa. A prática dele é sempre a mesma. Chega à igreja, entra, não fala com ninguém, não canta, não acena, não reage. Ele apenas observa. Terminada a missa, ele vai embora. Será que podemos afirmar que esse fiel vivencia de fato a experiência de comunidade?

Mesmo que acreditemos que a experiência de comunidade seja potencializada pela interação entre os membros, nós defendemos que a maior interação necessária para a experiência religiosa de comunidade seja a interação com o sagrado⁴.

O simples fato do indivíduo, na dimensão presencial ou online, decidir ingressar na comunidade é um sinal de que de alguma forma ele se conecta com o divino a partir dali e deseja permanecer ali. Essa interação subjetiva e “sem rastros”, a qual chamaremos de *interação nível zero*, não foram levadas em conta nas nossas análises por não termos materialidades concretas para compreendê-las. Entretanto, reconhece-las é de suma importância, tendo em vista que essa modalidade de interação é desenvolvida pela maioria dos membros da comunidade em análise.

⁴ Interação esta considerada a partir das postulações de Silva (2017, p.16) que denota “a experiência humana com o sagrado, permitindo que o indivíduo transcenda os aspectos ordinários da existência, isto é, saia de si, atribua sentido aos acontecimentos da vida e atinja a religação com o Outro”.

Não apenas dessa nossa comunidade, mas das comunidades *online* em geral. Isso é o que indicam os estudos de Li e Bernoff (2008, p. 410 citado por KOZINETTS, 2014, p. 48) quando constataam que o maior grupo de pessoas envolvidas com esse tipo de comunidade online são “expectadores”, que espiam, leem e usam as postagens em comunidades eletrônicas.

Por esse mesmo caminho, Schulz apontará os espreitadores (*lurkers*) ou a “maioria silenciosa” quando sugere que

Espreitar é uma palavra comumente usada no contexto da internet e descreve um comportamento comum entre usuários. Grosseiramente, “espreitar” é ler o que foi escrito (ou consumir o que foi produzido, incluindo fotos, filmes e outros conteúdos gerados pelos usuários) sem participar ou contribuir – seja uma discussão, uma conversa, um fórum ou algo do gênero (SCHULZ, 2012, s/p).

Chegando até aqui, já dispomos de duas características elementares: a identificação e a interação. Passemos, agora, para o terceiro e último elemento que compõe o nosso tripé gerador do efeito de pertencimento.

A Presença

Embora, de imediato, pareça estar dissociada da questão da presença, traremos já no início deste tópico algumas reflexões a partir das transmissões ao vivo na rede social digital Facebook e que se constituirão como parâmetros para a descrição desse elemento.

No período compreendido para a nossa análise, o padre Reginaldo e sua equipe realizaram 07 (sete) transmissões ao vivo pelo Facebook, sendo seis delas classificadas como conteúdos de celebrações religiosas. Durante as transmissões o que mais se observa nos comentários dos usuários são pedidos de bênçãos e orações ao padre, para quem pede ou para alguém de suas famílias. Os fiéis, seja de forma breve ou desenvolvida com detalhes, relatam sua situação e pedem a intervenção do religioso em suas vidas. No entanto, não há a prática de resposta dos comentários pela equipe de produção, ou mesmo por parte pessoal de Manzotti, até porque se torna quase insustentável responder individualmente, tendo em vista que a transmissão ao vivo com o menor número de visualizações possui mais de cinco mil comentários. É comum, inclusive, os usuários fiéis, que acompanham as transmissões, curtirem os comentários de outros fiéis e acabarem respondendo e criando uma interação, mesmo que mínima, que se aproxima de uma rede de apoio mútuo.

Ainda que as curtidas dos comentários estejam muito longe do número de reações do grande grupo às transmissões⁵, observamos que há, no ato de curtir o co-

⁵ Tomemos como exemplo a transmissão ao vivo do encerramento do show do padre Reginaldo em João Pessoa no dia 14/08/2016. O comentário mais curtido da transmissão deteve 108 curtidas, enquanto a transmissão em si obteve 52.482 reações.

mentário de outro usuário fiel ou responder ao comentário dele, como já sinalizado anteriormente, uma expressão de apoio a sua causa e a sinalização que ela ou ele está sendo ouvido também pela comunidade.

De fato, esse tipo de interação entre os fiéis é bastante corriqueira na página do padre Reginaldo Manzotti. Independente de qual seja o conteúdo disponibilizado, sempre haverá, entre todas as interações, esse tipo de comportamento majoritário. Mas por que, então, as transmissões ao vivo seriam diferentes de outros vídeos postados ou de qualquer outro conteúdo? Por que há o esforço dos usuários fiéis em interagir comentando nas transmissões e curtindo e/ou comentando os comentários de outros seguidores? Se não há nenhum retorno por parte do padre ou de sua equipe, qual é a garantia que o usuário tem de que o seu “pedido” será visto pelo sacerdote?

Para tentar responder a essas perguntas, dialogamos com as reflexões de Fechine (2008) em seus estudos que abrangem a abordagem semiótica da transmissão direta, expandindo considerações aplicadas às transmissões ao vivo na televisão para o fenômeno de apropriação do real através de transmissões ao vivo em redes sociais como o Facebook.

Quando se inicia uma transmissão ao vivo no Facebook os usuários, ou a página transmissora, tornam-se o ponto convergente da emissão audiovisual, podendo ter o alcance ampliado, uma vez que os seguidores⁶ da página, ou os amigos⁷ do usuário emissor, compartilhem a transmissão ao vivo em suas próprias linhas do tempo e permitam, por sua vez, que mesmo os que não curtam a página, ou não sejam amigos dele, tenham acesso ao conteúdo transmitido.

As transmissões ao vivo no Facebook se aproximam muito das transmissões diretas que acontecem em meios como o rádio e a televisão.

Para que um enunciado se configure como direto é preciso que se instaure no decorrer mesmo da transmissão uma duração que pertence tanto à enunciação (à sua “colocação em discurso”) quanto à comunicação (ao momento concreto de sua produção e recepção), reunindo numa mesma manifestação as dimensões cognitivas e pragmáticas do discurso (FECHINE, 2008, p.58).

Ou seja, as transmissões ao vivo no Facebook diferem-se de outros tipos de vídeos ou publicações por, assim como nas transmissões televisivas, construírem uma experiência de comunicação aos usuários no momento mesmo em que está se produzindo o conteúdo consumido. Mais que isso, embora os usuários possam ter acesso ao conteúdo em momentos posteriores, é somente durante o intervalo de tempo da própria transmissão que se instaura a certeza de que, naquele momento, os outros usuários estão tendo a possibilidade de “participar” do que está sendo transmitido em

6 Atribui-se o termo “seguidor” para os usuários que curtem alguma página e, por isso, têm a opção de acompanhar os conteúdos disponibilizados com mais facilidade.

7 Utiliza-se o termo amigo tendo em vista a lógica operativa da própria rede social na qual um indivíduo adiciona outro e, a partir do aceite do convidado, tornam-se amigos na rede social.

tempo “real”.

Esse sentimento de “ao vivo”, cuja instauração pressupõe necessariamente o prévio reconhecimento da transmissão como direta, pode ser descrito finalmente como a vivência de uma duração de dupla natureza. É tanto uma duração semiótica, construída no e pelo discurso televisivo, quanto uma ‘duração extraída do mundo’, instaurada justamente pela concomitância temporal entre o que se vê na tela e o que acontece fora dela (FECHINE, 2008, p. 82).

Uma vez conectados e consumindo o conteúdo em transmissão direta, os usuários compartilham da sensação de também estarem vivenciando o que está sendo transmitido. No caso da página do padre Reginaldo Manzotti, pode ser uma missa, uma bênção, a coroação de Nossa Senhora, o Terço da Misericórdia etc. Embora não estejam fisicamente no mesmo lugar, onde a transmissão acontece, eles compartilham com outros usuários fiéis a mesma condição de acesso ao fenômeno a partir da temporalidade instaurada pela transmissão direta e da espacialidade que não é a do fenômeno em si, mas sim a do “espaço” propiciado pelo próprio ambiente da rede social.

Por isso, quando um conjunto de usuários fiéis interage entre si, a partir de uma mesma temporalidade e espacialidade proporcionadas pela transmissão direta na rede social, pode-se considerar também uma experiência religiosa de comunidade que apenas se manifesta no momento mesmo da transmissão e no espaço próprio da rede social. Ou seja, por mais próxima e similar que seja a experiência da vivência no ambiente “real”, esta mesma experiência só existe no ciberespaço.

A própria Igreja católica reconhece as transmissões de suas celebrações como uma tentativa de fortalecer, entre os fiéis que acompanham pelos meios de comunicação, o sentimento de pertencimento e o elo de comunidade.

Toda a liturgia e, de modo particular, a Eucaristia, é o memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor, que celebra a unidade e a comunhão de uma Igreja viva. A transmissão por meios eletrônicos, rádio, TV ou internet, **deve sempre ser ao vivo**. Uma transmissão gravada, embora possua características evangelizadoras legítimas, não possibilita o vínculo entre a comunidade que participa da celebração presencialmente e quem a ela assiste à distância. Tais transmissões gravadas possuem somente estatuto de documentário ou de reportagem (CNBB, 2014, p. 77, n. 100, grifo nosso).

É justamente o compartilhamento deste mesmo “lugar” que a transmissão direta constrói, a partir de uma temporalidade comum – que é a da transmissão mesma – e uma motivação atrelada à identificação e à interação com o conteúdo transmitido que favorece a aproximação entre os usuários e gera também uma experiência de reciprocidade, “um efeito de ‘contato imediato’ entre os sujeitos que, no limite, nada mais é

do que uma estratégia de neutralização da oposição entre o ‘mundo’ forjado (...) e o ‘mundo’ onde os sujeitos históricos e ‘reais’ interagem e se influenciam mutuamente” (FECHINE, p. 13, 2002).

Mas, então, sendo assim, o efeito de presença na experiência religiosa de comunidade só se concretiza através de uma transmissão ao vivo? E quando o fiel-fã somente tem acesso ao vídeo da transmissão depois que ela se finda? E nas situações que não envolvem uma transmissão e configuram-se como simples postagens “atemporais”?

Nesta pesquisa, defendemos que a experiência religiosa de comunidade no ciberespaço, apesar de ser comunitária, é motivada e efetivada, primeira e principalmente, pela experiência com o sagrado.

É a oportunidade de experienciar sua religiosidade e o contato com o divino num ambiente online que motiva a busca dos fiéis por espaços dessa configuração. Ainda que esta experiência seja atravessada pela performance de uma autoridade religiosa e/ou por uma celebridade religiosa.

Por isso mesmo, quando o usuário acessa ao conteúdo que já foi transmitido ou publicado numa temporalidade passada, o “espaço” da experiência com a comunidade já não existe, mas, em contrapartida, renova-se o espaço da experiência individual com o sagrado. Garantindo-se a experiência individual com o sagrado, o membro da comunidade percebe-se inserido nas práticas da comunidade e, assim, percebe-se também *presente*.

Já quando nos referimos a ações programadas no futuro e que almejam gerar um efeito de engajamento na comunidade, estamos iniciando, no presente, uma experiência que ainda estar por vir e que terá sua importância para a comunidade. Tomemos como exemplo a novena das Santas Chagas na página em análise. Antes mesmo de começar as orações, rezas, celebrações programadas, a comunidade já é motivada a lançar as suas preces, a montar seus altares em suas casas, a se organizar para participar, a se fazer presente.

Como sinaliza Sbardelotto (2017, p. 185), o usuário é situado em uma nova temporalidade religiosa (da festa das Santas Chagas), que demarcará as ações comunicacionais da página. Por sua vez, tais ações comunicacionais envolvem uma ritualidade (“novena”), uma temporalidade (nove dias às 19h), uma espacialidade (“nas redes sociais” e uma comunidade (“na página do Padre Reginaldo Manzotti”), que trazem elementos da tradição católica, mas também ressignificam para o contexto dos seus interagentes e dos processos de comunicação contemporâneos, que passam a embeber as práticas religiosas. O vínculo entre estes momentos, de acordo com o autor, ocorre na circulação, fluidez e deslocamentos nos domínios da rede mundial de conexões que, para Sbardelotto (2012), acontece “por meio de uma ação social não apenas do âmbito da “produção”, mas por meio dos infindáveis conteúdos disponibilizados pelos internautas”, fazendo com que cada indivíduo participante construa ou reconstrua novos sentidos, a partir dos deslocamentos desses discursos.

Nos permitindo assim, uma associação com o que Ricoeur (2010) apresenta em seu livro “O tempo e a narrativa”. O autor, baseado nas reflexões sobre o tempo do “*Livro XI das Confissões de Santo Agostinho*”, analisa, na perspectiva de atuação no pre-

sente, o passado e o futuro em forma de memória e expectativa, respectivamente.

Portanto, passado e futuro são entendidos como “modalidades do presente” (RI-COEUR, 2010, p. 18), reativando experiências individuais com o sagrado a partir de temporalidades passadas, e acionando desde o primeiro contato com o conteúdo propagado uma experiência comunitária com o sagrado que ainda está por vir.

Essa ‘presença’ diante do sagrado e da comunidade é a principal força motora que impulsiona a congregação de fiéis numa experiência religiosa de comunidade. Mesmo que tais experiências sejam canalizadas por uma celebridade religiosa, se a experiência leva ao contato com o divino e com os irmãos, enraizada num sentimento de identificação e ações de interação, ela pode-se dizer como uma experiência religiosa de comunidade.

Não se trata apenas de postagens informacionais e jornalísticas sobre o catolicismo, mas de postagens *experienciais* e *praxiológicas*, ou seja, posts que visam levar o usuário a estabelecer um vínculo *on-line* com o “sagrado” católico, mediante conteúdos diversos (textos, fotos ou vídeos). Voltados para o ambiente digital, mediante diversas modalidades de reconexão, elementos do catolicismo. Emerge, assim, uma religiosidade própria das interações em rede nessa plataforma (SBARDELOTTO, 2017, p. 197, grifos do autor).

Quando entendemos que o espaço deixa de ser apenas o da transmissão, mas passa a ser sobretudo o espaço da página mesma, superamos o entendimento da função exclusiva do padre Reginaldo Manzotti como sendo um interagente e passamos a vê-lo enquanto “lugar agregador”.

A experiência religiosa de comunidade no ciberespaço, portanto, concretiza-se com a existência dos elementos da identificação, da interação e da presença. A garantia desses três elementos nos concede a geração do sentimento de pertencimento da comunidade religiosa online.

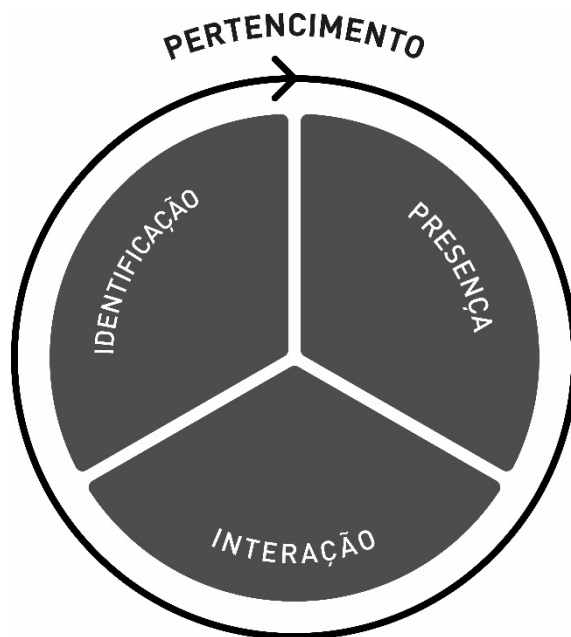
A dimensão da territorialidade e da temporalidade para as comunidades “virtuais” já tinham sido defendidas por Lemos⁸ quando se compreendia a complexidade das relações que o ciberespaço oferecia às interações eletrônicas.

Juntar-nos-emos, portanto, a Castells (RECUERO, 2009, p. 140) na defesa de outras concepções de experiências de comunidade mais próximas do papel de apoio social que as mesmas representam.

Experiências vivas, espiritualizadas, personalizadas, comunitárias e online.

8 Cf. FREIRE, 2017, p. 138;

Imagem 1 – A construção do pertencimento nas comunidades religiosas no ciberespaço



Fonte: Ilustração elaborada para a pesquisa de mestrado. Tem como intuito demonstrar a complementaridade da identificação, interação e presença no processo de construção do sentimento de pertencimento provocado na experiência religiosa de comunidade no ciberespaço.

Considerações Finais

As possibilidades geradas pelo surgimento e desenvolvimento da internet têm favorecido novos hábitos culturais e midiáticos por parte das sociedades contemporâneas. A religião, que ainda possui forte influência nas práticas sociais e na produção de sentido na vida do homem, também passa a dialogar, deixa-se afetar e afeta os atuais processos midiáticos e midiaticizantes.

A Igreja Católica Apostólica Romana, ainda a instituição religiosa com o maior número de adeptos no mundo, aproximadamente 1,2 bilhão de fiéis⁹, ao longo de sua história de mais de dois mil anos, tem feito escolhas decisivas, através dos seus agentes, para se aproximar dos meios de comunicação com fins evangelísticos.

As redes sociais digitais têm ocupado um lugar de destaque nas novas formas de socialização em rede, sendo terreno fecundo para o surgimento de comunidades online com particulares potencialidades de interação, relações de poder e autonomização

⁹ Informação disponível em: <<https://goo.gl/eJoiMH>> Acesso em 20 de jan 2018.

da produção e difusão de conteúdo.

A nossa pesquisa, a partir deste cenário, buscou problematizar tais dimensões e investigar um tipo de comportamento que parecia emergir, de forma ampla e recorrente no ambiente online. Para isso, nossa provocação centralizou-se na pessoa do padre Reginaldo Manzotti, celebridade midiática religiosa atual, jovem, católica. Uma autoridade religiosa que além de estar presente nas redes sociais digitais como o Facebook, possui uma larga performance nos meios de comunicação tradicionais massivos como o rádio e a televisão, além de ser escritor, compositor e cantor.

A página do padre Reginaldo Manzotti no Facebook foi o *templo* no qual pudemos adentrar, compreender as celebrações, ver os demais fiéis, perceber as formas de relação que ali se construíam, na tentativa de descrevermos uma experiência religiosa de comunidade no ciberespaço. Uma experiência que acolhe a partir da identificação, se envolve pela interação, se fortalece pelo efeito da presença e constrói a comunidade pelo sentimento de pertencimento.

Referências

- CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.
- COHEN, A. *The symbolic construction of community*. Londres: Routledge, 1985.
- FECHINE, Y. *Televisão e estesia: considerações a partir das transmissões diretas da Copa do Mundo*. Significação (UTP), São Paulo, v. 17, p. 11-37, 2002.
- _____. *Televisão e Presença: Uma Abordagem Semiótica da Transmissão Direta*. São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.
- FREIRE, A. *Quando o fiel vira fã*. 1ª ed. Curitiba, PR: Prismas, 2017.
- KOZINETTS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. 1ª ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009 (Coleção Ciberultura).
- RICOEUR, P. *O tempo e a narrativa*. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SBARDELOTTO, M. *E o verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012.
- _____. Dos bits à rede: entre a experiência religiosa e a representação social do “católico” na internet”. In: XXI Encontro Anual da Compós, 2012, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.
- _____. *E o verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo, SP: Paulinas, 2017.
- SHORE, C. Comunidade. In: OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do Pensamento Social do século XX*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1996.

SCHROEDER, R. *The Social Life of Avatars: Presence and Interaction in Shared Virtual Environments*. London: Springer-Verlag Limited, 2002.

SILVA, B.A. *Reencantamento Via Consumo: Intersecções entre religião e consumo nas redes sociais digitais*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

Sobre os autores

Hudson Ramos é Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Comunicação Social, com ênfase em Rádio, TV e Internet na mesma universidade; Experiência em Assessoria de Comunicação; Organizador da 3ª Semana de Rádio, TV e Internet da UFPE; Ex-Vice-Presidente do Diretório Acadêmico da mesma graduação; Áudio-descritor e Roteirista em formação; Desenvolveu pesquisa de iniciação científica sobre Mapas Narrativos em séries ficcionais televisivas; Representou os discentes de graduação e pós-graduação no Conselho Departamental do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. hudson_ramosc@hotmail.com

Karla Patriota é Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). k.patriota@gmail.com

Religious Experiences of Community in Cyberspace: Reconfigurations of the sharing of faith

Abstract

Digital social networks, such as Facebook - the central platform of this study, have favored the emergence and expansion of other forms of social relations. This article aims to collaborate with studies that deal with established relations between media and religion, from the observation of the interaction of priest Reginaldo Manzotti, a Catholic religious leader, and his faithful fans on the priest's Facebook page. The methodology of analysis is anchored in the postulates of netnography (Kozinets). In addition to the operation of the corpus, we seek an approach with the concepts of Cyber-religion (Miklos), Cyber-Faithful (Freire and Bronsztein), as well as Fechine's reflections on direct transmissions, building from this locus the elements that come to characterize the religious experience of community in cyberspace.

Keywords

Religion. Internet. Netnography. Digital Social Networks. Community Experience.